



12, 13 e 14 de novembro

SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

RESUMO EXPANDIDO

Grupo de Trabalho (GT): GT 1 – Convivência escolar e enfrentamento à violência: práticas que desenvolvemos para a melhoria da qualidade da escolarização

Modalidade do trabalho: Comunicação oral

Formato de apresentação: On-line

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA SOCIAL COGNITIVA PARA A COMPREENSÃO E INTERVENÇÃO NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR

Ana Cecília de Medeiros Maciel¹

PALAVRAS-CHAVE: Convivência escolar, Teoria Social Cognitiva, Determinismo Recíproco, Modelação, Autoeficácia, Desengajamento Moral

1 INTRODUÇÃO

A qualidade das relações interpessoais no ambiente escolar — entendida como convivência escolar — constitui um elemento central que influencia diretamente os processos de ensino-aprendizagem, o bem-estar dos estudantes e a formação cidadã. Compreender os modos pelos quais essas relações são construídas, sustentadas e transformadas exige o respaldo de abordagens teóricas consistentes e integradoras. Nesse contexto, a Teoria Social Cognitiva (TSC), desenvolvida por Albert Bandura, apresenta-se como um referencial conceitual robusto para a análise da convivência escolar. Em contraste com perspectivas estritamente behavioristas, a TSC valoriza a agência humana, propondo que o comportamento resulta de uma interação triádica e recíproca entre fatores pessoais, comportamentais e ambientais (BANDURA, 1986). Ao iluminar essa dinâmica complexa, a teoria oferece subsídios relevantes para a investigação científica e para o delineamento de estratégias interventivas voltadas à promoção de ambientes escolares mais seguros, respeitosos e inclusivos.

¹ Doutora em Educação, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, SP, Brasil, amaciel@fcc.org.br

Realização



Financiamento



Apoio





12, 13 e 14 de novembro

SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

Uma análise preliminar em bases de dados como Google Acadêmico e Google Scholar para publicações sob a temática da convivência escolar relacionadas aos constructos da TSC nas produções dos últimos 5 anos apresenta dados merecedores de atenção. Os resultados iniciais evidenciam um total de 178 trabalhos identificados no período analisado. Deste conjunto, destaca-se uma expressiva participação da Espanha, responsável por 36,72% das publicações. Na sequência, observa-se o Chile contribuindo com 18,54%, seguido do México com 10,67%, da Colômbia com 10,11%, e do Brasil com 8,43%. Os demais países, que individualmente apresentam baixo número de publicações, somam conjuntamente 15,73% do total.

Esses dados revelam uma escassez de produções brasileiras que aprofundem as contribuições específicas da TSC para a temática da convivência escolar, sobretudo quando comparadas ao volume de estudos oriundos de países como Espanha e Chile. Essa lacuna evidencia a necessidade de ampliar e qualificar o debate no cenário acadêmico e educacional brasileiro, fortalecendo o diálogo entre teoria e prática na construção de políticas e ações voltadas à melhoria das relações escolares. Diante desse cenário, torna-se pertinente dialogar sobre os fundamentos teóricos e os construtos específicos da Teoria Social Cognitiva que oferecem suporte à compreensão e à intervenção na convivência escolar. Para tanto, os próximos tópicos abordarão, de forma articulada, os pilares conceituais do Determinismo Recíproco e da Aprendizagem por Observação (Modelação), bem como os construtos de Autoeficácia e Desengajamento Moral. A exposição desses elementos visa evidenciar suas implicações para a prática educativa e para o desenvolvimento de estratégias que favoreçam relações mais saudáveis e colaborativas no ambiente escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Determinismo Recíproco

O conceito de **Determinismo Recíproco** é uma das inovações mais significativas da TSC, que rejeita modelos lineares de causalidade. Bandura (1986) propõe uma causalidade triádica recíproca, na qual o comportamento (C), os fatores pessoais (P – cognições, emoções, autoeficácia) e os fatores ambientais (A – normas, cultura escolar, pares, professores) interagem bidirecionalmente, influenciando-se

Realização



Financiamento



Apoio





SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

mutuamente. Esta interconexão dinâmica permite uma análise holística da convivência escolar. Em vez de atribuir problemas de convivência exclusivamente ao estudante (fator pessoal) ou ao ambiente escolar (fator ambiental), o determinismo recíproco encoraja a exploração da teia de interações. Por exemplo, um estudante com baixa autoeficácia social (P) pode se isolar (C), o que leva os colegas a ignorá-lo (A), reforçando sua crença de que não é bom em fazer amigos (P), perpetuando o ciclo de isolamento (C). Inversamente, um ambiente escolar com regras explícitas e consistentes e um clima de respeito (A) pode incentivar comportamentos prosociais (C), que por sua vez reforçam as crenças dos estudantes de que a escola é um lugar seguro e justo (P), levando a um maior engajamento positivo (C). A agressividade de um estudante (C) pode gerar um ambiente de medo e retaliação (A), que reforça as crenças do agressor de que a violência é eficaz (P), mantendo o comportamento (C). Esta perspectiva é crucial para o **desenho de intervenções integradas** que abordem simultaneamente fatores individuais, comportamentais e contextuais para promover uma convivência saudável.

2.2 Aprendizagem por Observação (Modelação)

A Aprendizagem por Observação, ou modelação, é um dos pilares mais reconhecidos da TSC (BANDURA, 1977). Este conceito postula que os indivíduos adquirem novos comportamentos, habilidades e atitudes por meio da observação de outros (modelos) e das consequências de suas ações, sem a necessidade de reforço direto. No ambiente escolar, este processo é constante e bidirecional, influenciando tanto a adoção de comportamentos pró-sociais quanto de condutas problemáticas.

Estudos sobre convivência escolar podem utilizar a modelação para entender como comportamentos específicos se disseminam. Por exemplo, um estudante que observa um colega mais velho ou um professor mediando um conflito de forma pacífica, com escuta ativa e busca por soluções consensuais, pode internalizar essas estratégias. Essa modelação de comportamentos pró-sociais ensina que a cooperação e o diálogo podem ser mais eficazes que a agressão, podendo levar o observador a replicar tais atitudes. Inversamente, a observação de comportamentos de bullying e outros tipos de agressão social é igualmente relevante. Se um estudante percebe que um agressor obtém atenção, poder ou aceitação de outros pares (reforço vicário), ele pode ser motivado a imitar esses comportamentos na expectativa de

Realização



Financiamento



fapesc

Apoio





SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

resultados semelhantes. Pesquisas podem, assim, investigar o papel de estudantes líderes, professores e gestores como modelos de convivência, e como a modelação de atitudes de inclusão e respeito à diversidade por parte dos educadores pode modelar positivamente a convivência escolar. Intervenções baseadas na TSC frequentemente incluem a exposição a modelos positivos (ex: mentores, personagens em narrativas) e a discussão das consequências observadas para modelar o comportamento desejado.

2.3. Autoeficácia

A **Autoeficácia** refere-se à crença de um indivíduo em sua capacidade de organizar e executar as ações necessárias para produzir determinados resultados (Bandura, 1986; 1997; 2023). Não se trata da habilidade em si, mas da convicção pessoal sobre o que se pode fazer com as habilidades que se possui. Esta crença é um poderoso preditor de persistência, esforço e escolha de comportamento, motivo pelo qual reconhece-se sua importância como elemento para a compreensão da convivência escolar. Importante destacar que essa crença não é uma característica global ou genérica da personalidade, mas sim **de domínio específico** — ou seja, varia conforme o contexto, a tarefa e as exigências situacionais. Um indivíduo pode apresentar elevada autoeficácia para conduzir processos pedagógicos, mas baixa autoeficácia para lidar com conflitos interpessoais ou implementar mudanças organizacionais. Essa especificidade torna o conceito particularmente útil para compreender comportamentos em ambientes complexos, como o escolar, permitindo identificar áreas de maior ou menor confiança pessoal e orientar intervenções mais precisas e contextualizadas.

Segundo Bandura (1997), as crenças de autoeficácia são construídas a partir de quatro fontes principais: experiências de domínio, modelação social, persuasão verbal e estados fisiológicos e emocionais. No contexto da convivência escolar, essas fontes podem ser mobilizadas de forma estratégica. Por exemplo, **experiências de domínio** ocorrem quando um estudante consegue mediar com sucesso um conflito entre colegas, reforçando sua confiança para agir em situações futuras. A **modelação social** pode ser promovida por meio de projetos de mediação de pares, nos quais estudantes observam colegas atuando como mediadores e aprendem com seus comportamentos positivos. A **persuasão verbal** se manifesta quando professores ou

Realização



Financiamento



Apoio





SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

gestores reconhecem e incentivam atitudes colaborativas, como elogiar um estudante que defendeu um colega vítima de bullying ou que buscou ajuda de forma assertiva. Já os **estados fisiológicos e emocionais** influenciam a interpretação da própria capacidade: um estudante que se sente calmo e acolhido diante de um conflito tende a acreditar mais em sua habilidade de intervir, enquanto o medo ou a ansiedade podem minar essa percepção. Ao compreender e fortalecer essas fontes, educadores podem criar condições mais favoráveis para que estudantes e professores desenvolvam comportamentos que promovam respeito, empatia e resolução construtiva de conflitos no cotidiano escolar. A seguir, algumas sugestões de aplicação em domínios específicos.

Para estudos sobre a convivência, podemos verificar a autoeficácia para a **intervenção em situações de bullying** (BUSSEY, 2023). Estudantes com alta autoeficácia para intervir acreditam que suas ações podem ser eficazes ao defender uma vítima, confrontar um agressor ou buscar ajuda, e são mais propensos a agir. Em contraste, a baixa autoeficácia pode levar à passividade (comportamento de espectador) por descrença na própria capacidade de fazer a diferença. A **autoeficácia para a resolução construtiva de conflitos** (SEXTON; ORCHADR, 2016). Pode ser estudada para verificar se estudantes que confiam em suas habilidades de comunicação e negociação tendem a buscar o diálogo, enquanto aqueles com baixa autoeficácia podem recorrer à agressão ou à evitação, por exemplo. A **autoeficácia social** que se relaciona à “crença nas capacidades em iniciar e manter relações sociais, trabalhar de forma cooperativa com os outros, e gerenciar diferentes tipos de conflitos interpessoais” (BANDURA *et al.*, 2001, p.128), impacta a integração do estudante e seu senso de pertencimento. Professores também possuem sua **autoeficácia docente** na gestão de sala de aula (TSCHANNEN-MORAN; WOOLFOLK-HOY, 2001) o que afeta diretamente o clima da classe e a implementação de estratégias pedagógicas (BANDURA, 1997), bem como a **autoeficácia para autorregulação emocional**, apontando que professores que conseguem manejar emoções negativas como a raiva sentem-se mais capazes para ensinar (MACIEL, 2024). Estudos podem investigar como fortalecer a autoeficácia de estudantes e educadores através de experiências de domínio, modelação social e persuasão, impactando positivamente a qualidade da convivência.

Realização



Financiamento



Apoio





12, 13 e 14 de novembro

SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

2.4. Desengajamento Moral

O **Desengajamento Moral** refere-se aos mecanismos cognitivos pelos quais os indivíduos podem desativar ou contornar suas autossanções morais, permitindo-lhes agir de maneiras que violam seus próprios padrões éticos sem sentir culpa ou remorso (BANDURA, 1999). Este conceito, por exemplo, pode ajudar a compreender a perpetração de atos como o bullying e outras formas de violência escolar. Bandura (1999) identifica diversos mecanismos, como a **justificação moral** (reinterpretar o ato prejudicial como moralmente aceitável, ex: "bati nele para ensiná-lo uma lição"), a **rotulação eufemística** (usar linguagem inofensiva para camuflar a agressão, ex: "é só uma brincadeira"), a **comparação vantajosa** (minimizar a gravidade do ato comparando-o com outros piores), o **deslocamento** e a **difusão da responsabilidade** (atribuir a culpa a outros ou diluí-la no grupo), a **distorção das consequências** (minimizar o sofrimento da vítima, ex: "não doeu tanto assim"), a **desumanização** (privar a vítima de suas qualidades humanas, ex: "ele é um lixo"), e a **atribuição de culpa à vítima** (ex: "bati porque ele me provocou, ele mereceu").

Para estudos sobre convivência escolar, por exemplo, o desengajamento moral pode apresentar explicações sobre como agressores conseguem perpetuar o bullying sem remorso, e como espectadores podem se manter passivos sem sentir culpa. Ele permite investigar a **dinâmica de agressores, vítimas e espectadores**, revelando como a inação dos observadores pode ser justificada através desses mecanismos (BANDURA, 2002). Pesquisas podem explorar a prevalência desses mecanismos no contexto escolar e como certas culturas de pares podem inadvertidamente promovê-los. Intervenções baseadas neste conceito visam reengajar a bússola moral dos estudantes, promovendo a empatia, a responsabilidade pessoal e a capacidade de reconhecer e desafiar o desengajamento moral, contribuindo para uma convivência escolar mais ética e empática.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura oferece uma lente analítica para o estudo da convivência escolar. Ao focar na aprendizagem por observação, na autoeficácia, no determinismo recíproco e no desengajamento moral, a TSC proporciona uma compreensão aprofundada dos processos psicológicos que

Realização



Financiamento



Apoio





12, 13 e 14 de novembro

SEMINÁRIO INTERNACIONAL 2025

A Convivência na Educação Básica e no Ensino Superior: desafios e perspectivas

subjazem aos comportamentos sociais no ambiente educacional. Integrar esses pilares teóricos permite aos pesquisadores ir além da mera descrição dos fenômenos, possibilitando a identificação de mecanismos-chave que podem ser alvo de intervenções eficazes. Para educadores e formuladores de políticas, a TSC ilumina caminhos para o desenvolvimento de programas que promovam a agência estudantil, fortaleçam habilidades sociais, reestruturem ambientes e desafiem justificativas para comportamentos prejudiciais, culminando na construção de escolas onde a convivência seja sinônimo de respeito, inclusão e bem-estar.

REFERÊNCIAS

BANDURA, Albert. *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1977.

BANDURA, Albert. *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.

BANDURA, Albert. *Self-efficacy: the exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company, 1997.

BANDURA, Albert. Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. *Personality and Social Psychology Review*, v. 3, n. 3, p. 193–209, 1999.

BANDURA, Albert. Selective moral disengagement in the exercise of moral agency. *Journal of Moral Education*, v. 31, n. 2, p. 101–119, 2002.

BANDURA, Albert. *Social cognitive theory: an agentic perspective on human nature*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc., 2023.

BUSSEY, Kay. The contribution of social cognitive theory to school bullying research and practice. *Theory Into Practice*, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.1080/00405841.2023.2226549>. Acesso em: 5 set. 2024.

MACIEL, Ana Cecília de Medeiros. *Crenças de autoeficácia de professores da educação superior para a regulação emocional e para o ensino no contexto remoto emergencial*. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

SEXTON, Martha; ORCHARD, Carole. Understanding healthcare professionals' self-efficacy to resolve interprofessional conflict. *Journal of Interprofessional Care*, v. 30, n. 3, p. 316–323, 2016.

TSCHANNEN-MORAN, Megan; WOOLFOLK HOY, Anita. Teacher efficacy: capturing an elusive construct. *Teaching and Teacher Education*, v. 17, n. 7, p. 783–805, 2001.

Realização



Financiamento



Apoio

